

ARCHIVO
ARCHITECTURA CIVIL
JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PUBLICOS E PARTICULARES
SYNEROTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAES
E ESTRANGEIROS



HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GOTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Parrochinha, 26

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Monumento de S. M. a rainha a senhora D. Maria I —relatorio (estampa que acompanha o presente numero).— **Architectura**, origem das diversas ordens de architectura, por J. DA C. SEQUEIRA (continuação). — **Nota explicativa** que acompanhou a collecção de amostras dos materiaes de construcção, que se empregaram no districto de Villa Real.— **Resumo historico da vida de Francisco de Hollanda**, pelo ABBADE DE CASTRO.— **Boletim**.

MONUMENTO

DA

SENHORA D. MARIA I

RELATORIO

APRESENTADO Á ASSOCIAÇÃO PELA COMMISSÃO NOMEADA
EM SESSÃO DE 5 DE NOVEMBRO DE 1867

SENHORES.—Por officio do ministerio do reino de 4 de novembro do anno findo, foi esta associação convidada a informar acerca de uma representação que em data de 5 de outubro do mesmo anno a transacta ex.^{ma} camara municipal de Lisboa, fizera subir áquelle ministerio, pedindo que por elle d'accordo com o d'obras publicas, se tomem as necessarias providencias, afim de que o monumento da rainha a senhora D. Maria I, seja devidamente collocado dentro do jardim da Estrella, em local que a mesma ex.^{ma} camara em sua representação, diz ser o mais apropriado para esse fim, affirmando mais, que para a immediata realisação d'este seu pedido, só lhe consta faltarem a grade e escadaria do mesmo monumento.

A assembléa geral de 5 de novembro ultimo, decidiu commetter a uma comissão especial o estudo d'este assumpto, e tendo-nos para isso honrado com o seu voto, cumpre-nos hoje dar-vos conta do resultado dos nossos trabalhos, os quaes, posto que já desde algumas semanas se achem concluidos, apesar da difficuldade em alcançar os esclarecimentos de que carecíamos, assim como os desenhos e photographias que por esta occasião temos a honra de vos apresentar, todavia não vos tem sido communicados, porque obras indispensaveis houve a effectuar no recinto d'esta associação, que impediram as nossas reuniões.

No estudo do objecto que motivou a representação da ex.^{ma} camara municipal de Lisboa, não podiamos nós deixar de tomar em

153

muita consideração, todos os pontos que com elle prendem, e como para consultar sobre esse objecto se vos torne necessario terdes cabal conhecimento d'elle, por isso permittireis que vol-as expnhamos pela seguinte ordem.

A historia do monumento da Senhora D. Maria I, o seu merito como obra d'arte e o estado actual de sua conservação, serão por nós tratados em primeiro lugar.—As considerações que em nossa opinião se podem oppôr com bons fundamentos ao alvitre apresentado pela ex.^{ma} camara, sobre a collocação do monumento, serão tratados em seguida. Finalmente a nossa opinião sobre o local que julgámos mais apropriado para a collocação do monumento e a obra de que elle carece para figurar dignamente n'esta capital dará termo a este nosso trabalho.—São estes os pontos sobre os quaes pedimos a vossa attenção, a qual esperamos nos concedereis.

Por documento official da embaixada de Portugal em Roma, solicitado por esta associação (1), sabemos nós que o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, no anno de 1794, mandára alli fazer este monumento, que no anno de 1797 já elle se achava concluido e que depois, tomado pelo exercito francez,

¹ O documento é do theor seguinte:

Ministerio dos negocios estrangeiros.—Copia—N.º 66.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do despacho de v. ex.^a sob n.º 27 da serie ostensiva, e hem que a maier parte dos documentos existentes no archivo d'esta embaixada, com relação aos artistas, que na época indicada no despacho de v. ex.^a, se applicaram ás Bellas-artes n'esta côrte, fossem, com muitos outros destruidos no incendio de 20 de março de 1860, deparei com uma memoria de João Gherardo de Rossi, director da Academia de bellas-artes de Portugal n'esta capital, que me parece responder ao quisito que v. ex.^a me dirige acerca do pensionista do Estado João José d'Aguiar.

Diz o mencionado de Rossi:—«Nell'anno 1794 fu dall' Intendente di Polizia «Manique ordinato un monumento magnifico da erigersi aila Maestá della Regina Maria con molte statue colossali di marmo, bassirilievi etc. Ebbe il Direttore l'incombenza di far e seguire detto lavoro. Ne fece egli stesso il disegno architettonico, providde i marmi, fece dal pensionato scultore Aguiar eseguire i modelli, e prefiedé ad un immenso lavoro, finito nel 1797. Appena «scorso un anno sopravvenne l'invasione francese, e de Rossi poté salvare tutto «quello che apparteneva all' accademia, ottenendo anche la permissione che i

154

quando este invadiu os estados da Egreja, fôra resgatado por uma quantia insignificante e remettido para Lisboa com todo o espolio da antiga academia de Bellas Artes de Portugal, que por esse tempo havia sido extincta pelo governo portuguez.

Chegado o monumento a Lisboa, não só a difficuldade dos tempos mas o indiferentismo d'esta nossa terra pelos objectos d'arte, fizeram com que elle jazesse no mais completo esquecimento até ao anno de 1849, no qual, sendo presidente de ministros o sr. conde de Thomar, nomeou s. ex.^a uma commissão a quem encarregou da collocação d'aquella importante obra no largo do convento do Coração de Jesus, prescrevendo-lhe a harmonia com os trabalhos a que se procedia então no terreno contiguo ao mesmo largo para o estabelecimento do actual jardim da Estrella.

Esta commissão composta dos engenheiros visconde da Luz, Eusebio Candido Pinheiro Furtado e José Maria Moreira de Bergara, tendo deliberado effectuar previamente algumas modificações na parte architectonica do monumento, o architecto da intendencia d'obras publicas do reino Paulo José Ferreira da Costa, as projectou n'um modêlo em pequena escala, projectando igualmente por essa occasião os portaes do dito jardim e gradamento respectivo; porém, dando-se logo em seguida a sahida do sr. Conde de Thomar do ministerio, ficaram de nenhum effeito essas modificações no monumento e a collocação d'este, sendo apenas executado um projecto de gradamento e portaes, feito na intendencia das obras publicas do reino.

Consta mais que o local indicado actualmente pela ex.^{ma} camara para a collocação do monumento, é o mesmo aonde a commissão referida tivera em vista levantal-o; sendo assim, recebeu este local posteriormente applicação mais adequada, tendo sido arborisado como actualmente se acha.

Decorridos tres annos depois do que acabámos de referir, succedeu a esta commissão outra com o mesmo fim da primeira, composta do architecto José da Costa Sequeira e do fallecido escultor Francisco de Paula Araujo Cerqueira, ambos professores da Academia de Bellas-Artes.

Esta segunda commissão, nomeada pelo fallecido conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro do reino, informou pouco depois da sua installação, que a parte architectonica do monumento da Senhora D. Maria I era absolutamente destituida de merito como obra d'arte e que, além de se achar incompleta por lhe faltarem muitas de suas peças, tinha soffrido sensivel deterioração nas que ainda existiam; a mesma commissão manifestou ainda por essa occasião ser contraria a toda a reparação que se intentasse fazer n'essa parte do monumento pelos motivos que acabámos de referir propondo que esta fosse novamente executada segundo outro projecto, aonde com mais propriedade se attendesse ás condições d'arte, tanto mais que a sua parte estatuarica era uma obra distincta de escultor nacional e se achava em perfeito estado de conservação.

Approvada esta proposta, farão os dois commissionedos incumbidos pelo ministro de dois projectos para o monumento aonde era apropriada convenientemente toda a primitiva estatuarica, e em seguida d'outro, aonde só figuravam as quatro estatuas destinadas

«pensionati proseguissero i loro studi, questi per altro subito partirono.

«Esisteva in Roma il monumento di Sua Maestà, e de Rossi do riscatto dai francesi colla frivola spesa de scudi 650 quando era costado piu de 16000.

«Fini l'efemera republica romana, ma prima del ritorno dell' Ambasciatore de Sousa, l'Incaricato allora di Sua Maestà, ordinò che si distruggesse l'accademia tutta, facendo incassare le statue di gesso, i modelli, e quanto con tanta fatica e pena aveva radunato il Direttore; tutto andò a Lisbona, ove andò anche il monumento, che con penosa assistenza fece incassare de Rossi che lo avea salvato.»

Em dois fragmentos de outros documentos existentes n'este archivo descobre-se que o mencionado artista começou os seus trabalhos nos annos de 1792 e 1793 com as estatuas de Scipião e de Eneas e Creusa.

É tudo quanto me cabe referir a v. ex.^a sobre este assumpto.

Deus guarde a v. ex.^a Roma em 23 de outubro de 1866. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. José Maria do Casal Ribeiro, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros.—*João de Sousa Lobo.*

Está conforme.—Secretaria de Estado dos negocios estrangeiros em 14 de novembro de 1866.—*Emilio Achilles Monteverde.*

primitivamente para os quatro angulos do grande pedestal, preferido este ultimo projecto, passarão ao respectivo orçamento.

Mas durante estes trabalhos, a ex.^{ma} Camara Municipal d'então, parece que sem previo accordo, mandou proceder á vedação do jardim da Estrella e, fronteiro ao templo, no ponto em que o ministro destinára mandar levantar o monumento, appareceu um dos portaes que actualmente dão entrada áquelle jardim.

Esta contrariedade motivou segunda suspensão nos trabalhos do monumento e a estatuarica d'este, que com grande custo havia sido transportada por ordem da commissão para as proximidades do local destinado para a sua collocação, teve de regressar ao Paço de Belem, d'onde havia sahido. Requisitada posteriormente parte d'esta mesma estatuarica pela ex.^{ma} camara municipal de Lisboa para abrihantar os festejos do consorcio do Senhor D. Pedro V, de boa memoria, foi ella appropriada na decoração da columna allegorica que então se levantou na praça do Rocio, e ultimamente cedido a esta Associação, acha-se temporariamente depositada no nosso museu. —São estes os dados historicos que pudemos colher ácerca do monumento em questão, durante os setenta annos da sua penosa existencia.

Continúa.

ARCHITECTURA

Fundamentos essenciaes de architectura civil

(Continuação da columna 142.)

A architectura civil não pôde deixar de se considerar, até certo ponto, como uma arte de imitação, assim como a pintura e a escultura: a differença que se nota entre estas tres artes liberaes, vem a ser, que as duas ultimas têm a incalculavel vantagem de se lhes offerecerem facilmente e por toda a parte os modelos que devem seguir e imitar, bastando-lhes copiar os objectos que a natureza lhes apresenta, para a reproducção dos quaes apenas precisam observar um judicioso e pratico systema, em quanto a primeira, a architectura, não pôde dispôr de semelhantes vantagens, nem contar com tão efficazes auxilios, por isso que tudo deve gerar e reproduzir por si mesma, sendo mui pouco o que pôde imitar ou copiar... E com effeito, em que parte ou em que tempo se offereceram jámais edificios expressamente fabricados e regularmente organisados pela natureza, que os architectos podessem adoptar, seguir e imitar, como modelos nas suas construcções? Um templo sumptuoso, o palacio de um poderoso monarcha, ou outro qualquer monumento vasto, complicado e surprehendente, não encontrou nem encontrará certamente, o seu original prototypo em alguma das partes componentes da maravilhosa fabrica do universo; assim como as cadenciadas e sonoras harmonias de uma musica suave e arrebatadora, nunca foram, nem poderão vir a ser, a imitação ou a repercussão das sonhadas harmonias dos corpos celestes, cujos sons ainda não vieram até hoje deleitar os ouvidos dos credulos mortaes que os phantasiaram!

Se, portanto, á natureza não é dado offerecer modelos acabados que a architectura possa imitar e reproduzir completamente, nem por isso a industria e a pericia dos homens deixou de lh'os crear e estabelecer, logo que instigados pela poderosissima força da necessidade, conseguiram edificar os seus rusticos abrigos denominados *cabanas*; por uma necessaria e logica consequencia devem portanto reputar-se aquellas singellas habitações como a architectura primitiva e natural. Da choça de colmo, ou amassada com barro, composta dos mais toscos materiaes, e coberta de palha, é que se originou e deduziu indubitavelmente a sumptuosidade e magnificencia d'esta utilissima e magestosa arte, muito embora sejam outras as hypoteticas e subtilissimas idéas de alguns escriptores metaphisicos!

A formosura e a excellencia da architectura não deixa tambem de depender da imitação da natureza, porém não tanto como as duas artes liberaes suas irmãs e inseparaveis companheiras. Cumpre que se comprehenda bem esta proposição para que se não julgue contradictoria.

Imitação é verdadeiramente a representação artificial de qualquer objecto mais ou menos complicado. A simples e inanimada, natureza, nada gera nem imita, é a arte quem o faz. Se esta para o effeito da imitação se aproveita das vozes articuladas, chama-se *oratoria*, se emprega os sons harmoniosos e os combina e modula, denomina-se *musica*, se dá a fôrma humana ou natural ao barro, ao bronze, e a outras diferentes materias que manipula, appellida-se *esculptura*, se por meio do desenho e do collorido nos retrata os objectos, as figuras e as phisionomias, diz-se *pintura*, se com diversos e solidos materiaes judiciosamente dispostos e combinados nos edifica as habitações commodas, nos engrandece os templos, e nos erige mil outros edificios em que se faz consistir a magnificencia das opulentas cidades, classifica-se *architectura*.

A imitação pôde ser *rigorosa* ou *livre*. Quem imita a natureza e a reproduz tal como é sem a minima alteração, sujeita-se ás obrigações do escriptor *historico*; e o que a compõe e embelleza, aperfeiçoando-a, executa e imita as do *poeta*. A arte da imitação, seja de que genero fôr, tem a sua infancia, o seu estado de perfeição relativa, e a sua impreterivel decadencia. Os inventores e creadores das primitivas artes não poderam ter outro prototypo senão a simples natureza, e os que depois a foram aperfeiçoando tiveram de ser por força os seguidores e imitadores dos primeiros; mas tão dignos de estima e de gratidão são uns como os outros, devendo todos ser igualmente considerados como individuos uteis, industriosos e benemeritos dos seus compatriotas.

Os homens que á custa de esforços, de profundo trabalho e cogitações conseguem inventar algum artefacto novo e verdadeiramente proficuo, adquirem um sagrado jús á celebridade, pelos seus distinctos talentos, pela agudeza e dilatado alcance de seus juizos e proveitoso engenho; e os que depois melhoram e aperfeiçoam as novas descobertas, tornando-as cada vez mais uteis e proveitosas, não são menos credores da estima e veneração de seus compatriotas. Devemos considerar como verdadeiro homem de genio e de gosto, e não como servil e esteril plagiario ou mechanico imitador, o individuo que em virtude da sua sciencia e talentos souber escolher e preferir o melhor entre as obras dos mais abalisados artistas, assim antigos como modernos; conseguindo expurgar essas obras dos inevitaveis defeitos das humanas producções, melhorando-as e enriquecendo-as com algumas novas bellezas de propria invenção, ou com as amplificações que o seu estremado gosto tiver sabido descobrir e inventar. A imitação effectuada de uma maneira independente, judiciousa e ampla, não se deve reputar como mesquinha e esteril reproducção, antes será sempre tida no conceito das pessoas intelligentes, como a mais genuina e proveitosa invenção. *Saber escolher, é saber produzir e inventar.*

Imitar a bella natureza equivale a saber preferir, adoptar e applicar um certo numero de partes bem conformadas e perfeitas, as quaes depois de reunidas e engenhosamente combinadas, possam constituir um perfeito *todo*, um conjunto tão bello e armonioso que se não pôde jámais achar reunido nas simples producções naturaes. Todas as artes liberaes têm por fim especial o desempenho de tão elevados e transcendentos destinos para nossa immediata utilidade e recreio.

Sabemos com evidencia que a natureza, apesar de fecunda e prodigiosa em todas as suas creações, não produziu cousa alguma que deva considerar-se absolutamente má, nem tão pouco bôa em todas as suas partes; de todo bella, nem feia ou disforme (pelo menos em relação ao nosso modo de vêr e de sentir). As bellas-artes executam por consequencia aquillo que a natureza não fez nem podia fazer... O artista de gosto e de genio, depois de ter maduramente examinado os productos que a natureza por toda a parte lhe apresenta, escolhe e aproveita aquellas partes que lhe parecem melhores e mais perfeitas, e que encontra disseminadas e repartidas pelas diferentes producções naturaes que examinou, organisando com ellas uma obra perfeita, um conjuncto que corresponda absolutamente a seus fins. Este todo assim confeccionado, perfeitamente bello em referencia a nossos sentidos, é o que verdadeiramente se chama a *bella natureza*. A maior parte de seus attributos são idéaes,

porém os fundamentos principaes da producção que se admira não deixam de ser positivos e naturaes. *Tudo é natureza*, disse o grande Pópe; porém a natureza subordinada á perfeição, a systema, e a methodo... eis o que se pôde e deve chamar — *invenção livre criação artistica ou poetica*.

Nenhuma bella dama existiu, ou poderá talvez existir que em tudo se possa comparar em perfeição e gentileza com a bellissima estatua grega geralmente conhecida pelo nome de *Venus de Medicis*, e, todavia não ha uma só parte ou feição n'aquella célebre estatua que não fosse extrahida e copiada fielmente e com admiravel engenho de diversos corpos de damas gentis e elegantes que o estatuario inventor de tão sublime obra observou e estudou antes de concluir o seu inemitavel modelo: o maior trabalho e habilidade do artista foi o de saber escolher, reunir, e organizar as diferentes partes que se achavam dispersas por muitos corpos femininos naturaes e existentes, a fim de compôr com estes diversos elementos uma belleza especial e inexcédível.

Do mesmo modo Zeuxis quando intentou pintar uma formosissima donzella, não se limitou a retratar a que achou mais formosa entre um sem numero das que observou, porque ainda n'essas descobriu imperfeições que lhe desagradaram; e por isso se deu ao trabalho de extrahir e copiar tudo quanto achou de mais completo e gentil em diferentes donzellas, para poder representar com extremada perfeição a figura que havia imaginado, cuja belleza desejou que não tivesse rival.

De um expediente analogo se serviu o fecundo poeta e chistoso satyrico Molière, quando imaginou o fidellissimo typo do *Tartufo*, porque necessariamente lhe foi preciso, antes de o compôr e fazer sobressair na scena tanto ao natural, estudar cuidadosamente, e exigir forçada contribuição a todos os tartufos do seu tempo, para mostrar aos espectadores e admiradores de suas obras tudo quanto tem de odioso e ridiculo a hypocrisia de um cynico que pretende ser reputado como exemplar de virtudes, para mais a seu salvo poder enganar e embair o proximo!

A imitação da bella natureza pelo modo que fica descripta é a unica que nos pôde causar verdadeiras sensações de prazer, e o deleite completo de nossos sentidos; e quanto mais perfeita ella fôr, maior será o nosso jubilo e entusiasmo.

É necessario, porém, advertir que os objectos produzidos pelas artes, satisfazem-nos mais quando são verdadeiros e reaes, do que quando só se podem considerar artificiaes; mas se estes perdem por um lado parte do seu valor, augmentam-nos por outro o prazer que se origina da verdadeira imitação.

Infere-se portanto do que fica exposto que a *bella natureza* consiste essencialmente na *imitação dos objectos capazes de excitarem em nossos orgãos sentimentos de diversos generos, mas sempre activos e agradaveis*. E por isso se chamam *bellas-artes*, as que têm por fim o desempenho de tão maravilhosas representações. Consequentemente, se o primeiro e o unico exemplar que a architectura precisou imitar, é aquella humilde e fragil producção conhecida pelo obscuro nome de *cabana*, áquelle primitivo exemplar deverá o architecto recorrer, e basear sobre elle as convenientes fôrmas que precise dar ás habitações tratando com desvello de as ampliar e embellesar, dispondo-as e accomodando-as aos infinitos usos das sociedades civilisadas, imprimindo-lhes exteriormente o character que aquelles edificios devem representar, correspondendo em tudo á sua destinação, tanto em belleza como em commodidade.

Considerada a architectura como arte de imitação, a sua essencia está n'aquillo mesmo em que consiste a perfeição das artes suas irmãs e companheiras. Isto é, em todas as suas producções deve sempre sobressair e dominar uma bem entendida relação entre o todo e as partes, porque é d'esta agradável harmonia que resulta a observancia da chamada *symetria*.

(Continúa.)

J. DA C. SEQUEIRA

NOTA EXPLICATIVA

Que acompanhou a collecção d'amostras dos materiaes de construcção, que se empregam n'este districto.

Numerodas amostras	Designação dos materiaes	Logares onde se encontram extrahem, ou fabricam	Distancias		Designação dos preços d'extração, ou unidade porque são vendidos	Preço d'um jornal de carro e conductor	Quantidade que cada carro transporta á capital do districto	Designação do maximo deametro e maxima altura dos troncos das arvores de que foram extrahidas as amostras da madeira	Observações
			á estrada mais proxima	á capital do districto					
1	Granito fino	Povoação da Gralheira na Serra do Cabreiro, freguezia de Tollões, conc.º de V.ª Pouca d'Aguiar	A 1500 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Chaves	20 kilom.	Extração e desbaste por 1 ^m e,0 1\$800	1:200 rs.	0,33	—	Sendo a conducção pela estrada nova, podem os carros transportar dupla carga. É proprio para recortes e molduras
2	Idem grosseiro	Sitio das Andras na Serra do Amesio, freguezia de Tollões, conc.º de Villa Pouca	Na nova estrada de Villa Real a Chaves	17 kilom.	Idem 1\$800	Idem	Idem	—	Sendo a conducção pela estrada nova podem os carros transportar dupla carga
3	Idem idem	Logar do Cabreiro na Serra do mesmo nome freguezia de S. Salvador em Villa Pouca.	A 1 kilometro do nova estrada de Villa Real a Chaves	26 kilom.	Idem 2\$000	Idem	Idem	—	Idem
4	Idem idem	Sitio do penedo redondo, freguezia de Parada, concelho de Villa Real	Na nova estrada de Villa Real a Amarante	6 kilom	Idem 1\$800	1:000 rs.	Idem	—	Idem
5	Granito fino	Sitio de Abobeira na Serra de Justes, continuação da do cabreiro, freguezia de Monçós, conc.º de Villa Real	A 1 kilometro da nova estrada de Villa Real a Mirandella	7 kilom.	Idem 1\$800	Idem	Idem	—	Idem
6	Idem grosseiro	Sitio da Balsa, na Serra de Jorjaes, concelho de Alijó	Na nova estrada de Villa Real a Mirandella	19 kilom.	Idem 2\$000	Idem	Idem	—	Idem
7	Idem idem	Valle de Godim, na Serra de Jorjaes, freguezia de Villa Verde, concelho d'Alijó	A 200 ^m ,0 da nova estrada dita	21 kilom.	Idem 2\$000	Idem	Idem	—	Idem
8	Idem idem	Povoação de Jorjaes, na Serra do mesmo nome, freguezia e concelho dito	Idem	22 kilom.	Idem 1\$900	Idem	Idem	—	Idem
9	Granito fino	Monte de S. Domingos, freguezia de Valdigem, concelho d'Armamar	A 7 kilometros da nova estrada Marginal do Douro	32 kilom.	Idem 1\$900	1:400 rs.	0,30	—	Idem.— Emprega-se em molduras e ornatos e é dis tinto pela sua muita brancura
10	Idem de grão medio	Idem	A 6 kilometros da nova estrada Marginal	31 kilom.	Idem 1\$900	Idem	Idem	—	Sendo a conducção pela estrada nova podem os carros transportar dupla carga
11	Granito grosseiro	Logar de Villa Secca d'Armamar, concelho do mesmo nome	A 5 kilometros da nova estrada Marginal	35 kilom.	Idem 2\$000	Idem	0,33	—	Idem
12	Idem idem	Logar de Fontes, freguezia de Soutello, concelho de Villa Pouca	A 200 ^m ,0 da nova estrada de Villa Pouca a Cavez	24 kilom.	Idem 1\$900	1:200 rs.	Idem	—	Idem
13	Idem idem	Idem	Idem	Idem	Idem 1\$900	Idem	Idem	—	Idem
14	Schisto fino de media consistencia	Sitio da Foz de Mil Lobos, freguezia da Folgosa, concelho d'Armamar	Na nova estrada Marginal	30 kilom.	Idem 1\$800	1:400 rs.	Idem	—	Idem— Foram construidas com schisto desta excellente qualidade as aduellas da ponte da Foz de Mil Lobos
15	Schisto muito duro	Sitio da Foz de Mil Lobos, freguezia e concelho d'Armamar	Idem	Idem	Extração de 1 ^m e,0 de pedra para alvenaria a \$400	Idem	Idem	—	Sendo por estrada nova podem os carros transportar dupla carga
16	Ardozia	Logar e freguezia de Villa Cova da Campeã, concelho de Villa Real	A 5 kilom. da nova estrada de Villa Real a Amarante	11 kilom.	Idem \$400	1:000 rs.	Idem	—	Idem
17	Schisto	Logar de Villa Nova da Campeã, na Serra do Marão, freg. da Campeã, concelho de Villa Real	Na nova estrada de Villa Real a Amarante	15 kilom.	Idem \$400	Idem	Idem	—	Idem
18	Schisto argilozo	Idem	Idem	Idem	Idem \$400	Idem	Idem	—	Idem
19	Idem idem	Sitio do Pégo de Valença, freguezia de Valença do Douro, concelho de S. João da Pesqueira	Na nova estrada Marginal do Douro	30 kilom.	Idem \$400	1:400 rs.	Idem	—	Idem
20	Idem idem	Idem	Idem	Idem	Idem \$400	Idem	Idem	—	Idem
21	Carbonato calcario	Sitio de Campanhol, na Serra do Marão, freguezia do Campanhol, concelho de Mondim de Basto	A 12 kilometros da nova estrada de Villa Real a Amarante	21 kilom.	Idem \$500	1:200 rs.	Idem	—	Idem
22	Cal extincta	Idem	Idem	Idem	Vende-se nos fórnos, cada rasa de cal em pedra a 60rs. cada metro cubico (ou 62,5 rasas da medida de V. Real) a 3:750	—	—	—	Pela extincção toma o dobro do volume. É transportada em jumentos que carregam 5 rasas de cal em pedra ao jornal de 500 réis

23	Arêa grossa	Da Foz do rio Tavora, freguezia de Valença do Douro, concelho de S. João da Pesqueira.	A 200 ^m ,0 da nova estrada Marginal	30 kilom.	Regula a carregação em carro a 60 rs. por 1 ^{mc} ,0	1:400	0, ^{mc} 50	—	Emprega-se no fabrico d'argamassa para alvenaria
24	Idem	Do leito do rio Pinhão, proximo á povoação da Balsa, concelho de Alijó	A 100 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Mirandella	19 kilom.	Idem	1:000 rs.	Idem	—	Idem
25	Arêa fina	Do leito do ribeiro do Amezio, freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca de Aguiar	A 400 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Chaves	17 kilom.	Idem	Idem	Idem	—	Emprega-se na confecção d'argamassa para cantaria
26	Saibro	Logar de Villa Chã, freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca de Aguiar	Na nova estrada de Villa Real a Chaves	18 kilom.	Regula a excavação e carregação em carro a 80r. por 1 ^{mc} ,0	Idem	Idem	—	Emprega-se na confecção d'argamassa fina para cantaria
27	Idem	Logar da Balsa, freguezia de Villar de Maçada, concelho de Alijó	Na nova estrada de Villa Real a Mirandella	19 kilom.	Idem	Idem	Idem	—	Emprega-se na confecção d'argamassa fina
28	Terra argilosa	Sítio do Pego de Valença, freguezia de Valença do Douro, concelho da Pesqueira	Na nova estrada Marginal do Douro	30 kilom.	Idem	1:400 rs.	Idem	—	Emprega-se amassada em cimentar alvenaria na construção de muros de casas
29	Barro amassado empregado no fabrico da telha	Sítio de Parada de Cunhos, freguezia do mesmo nome, concelho de Villa Real	A 500 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Regoa	2 kilom.	Regula a excavação e carregação em carro a 100 por 1 ^{mc} ,0	1:000 rs.	Idem	—	Este barro é do empregado no fabrico das telhas n.º 31
30	Idem idem	Sítio do Rocío de Villa Chã, freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca de Aguiar	A 300 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Chaves	19 kilom.	Idem	Idem	Idem	—	Este barro é do empregado no fabrico das telhas n.º 32
31	Telha	Nos fornos de Parada de Cunhos, freguezia do mesmo nome, concelho de Villa Real	A 500 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Regoa	2 kilom.	Vende-se o milh.º de 1.ª qualid. a 6:000, 2.ª 5:000, 3.ª 4:000	Idem	333 telhas	—	As diferentes qualidades vão marcadas nos exemplares respectivos
32	Idem	Nos fornos de Villa Chã, freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca	A 300 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Chaves	19 kilom.	Vende-se o milh.º de 1.ª qualid. a 8:000, 2.ª 7:000 3.ª 6:000	Idem	333 telhas	—	Idem
33	Idem	Nos fornos de Queimadella, concelho d'Armamar	A 8 kilometros da nova estrada Marginal	33 kilom.	Vende-se o milh.º da qualidade da amostra a 5:000 rs.	1:400 rs.	250 telhas	—	
34	Madeira de carvalho	Sítio da Ribeira, freguezia do Soutello, concelho de Villa Pouca de Aguiar	A 200 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Chaves	23 kilom.	Vende-se a 3:000 por 1 ^{mc} ,0	1:000 rs.	0, ^{mc} 50	Maximo deametro 0, ^m 75 » altura 10, ^m 00	
35	Idem idem	Sítio de Bouças, freguezia de Lamares, concelho de Villa Real	A 2 kilometros da nova estrada de Villa Real a Mirandella	17 kilom.	Idem 6:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 60 » altura 10, ^m 00	
36	Idem de castanho	Sítio do Pousadoro, freguezia de Lamares, concelho de Villa Real	Idem	Idem	Idem 6:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 54 » altura 17, ^m 00	É a madeira que mais abunda no districto
37	Idem de pinhobravo	Sítio de Belapés, freguezia de Lamares, concelho de Villa Real.	A 2:500 ^m ,0 da nova estrada de Villa Real a Mirandella	18 kilom.	Idem 3:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 47 » altura 15, ^m 00	
38	Idem	Villa Secca de Armamar, concelho de Armamar	A 6 kilometros da nova estrada Marginal	36 kilom.	Idem 3:500 idem	1:400 rs.	Idem	» deametro 0, ^m 25 » altura 8, ^m 00	
39	Idem de carvalho	Freguezia de S. Cosmado, concelho de Armamar.	A 5 kilometros da nova estrada Marginal	35 kilom.	Idem 6:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 20 » altura 6, ^m 00	
40	Idem de castanho	Villa Secca de Armamar, concelho de Armamar	A 6 kilometros da nova estrada Marginal	36 kilom.	Idem 6:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 25 » altura 8, ^m 00	
41	Idem d'amieiro	Margem do rio Tede, freguezia da Folgosa, concelho de Armamar.	A 300 ^m ,0 da nova estrada Marginal	30 kilom.	Idem 3:000 idem	Idem	Idem	» deametro 0, ^m 20 » altura 9, ^m 00	

NOTAS

Os carros de transportes de material são em todo o districto puchados a bois.

O preço porque no districto se vende o ferro em barra e vergalhão é { Suecio a 86 réis } por kilogramma em chapa { Suecio a 85 réis } barrinha { Suecio a 160 réis } folha de ferro { Suecio a 196 réis } Varia de dimensões no comprimento e a secção transversal é: barra ou vergalhão, quadrado com 0,^m12 até 0,^m115 por lado; circular com o deametro de 0,^m003 a 0,^m03; em chapa com a espessura de 0,^m001 a 0,^m003 e a largura de 0,^m15; barrinha circular com o deametro de 0,^m0015 a 0,^m03; folha de ferro com a espessura de 0,^m0003 a 0,^m002, e largura de 0,^m45 a 0,^m76.

O chumbo em barra custa a 135 réis e em chapa a 140 réis por kilogramma, O primeiro tem a forma de pyramide truncada de base rectangular com a altura de 0,^m035, sendo as dimensões da base 0,^m27 por 0,^m06. O segundo tem de largura 0,^m66 e a espessura de 0,^m001 até 0,^m004.



Secretaria da Direcção, em Villa Real 15 de Novembro de 1864.

Assignado—O Director

Bento Fortunato de Moura Coutinho Almeida d'Esca

RESUMO HISTORICO

DA

VIDA DE FRANCISCO DE HOLLANDA

ARCHITECTO CIVIL, ILLUMINADOR, PINTOR E ESCRIPTOR.

Recitado na Associação dos Architectos Civis Portuguezes, no edificio gothico do Carmo, no dia 21 de julho de 1868

PELO ABBADE A. D. DE CASTRO E SOUZA.

*A Artes mil exercendo com mil partes
São em ti liberaes todas as Artes.*

MANUEL DE FARIA E SOUSA. Egloga. IV.

Venho hoje erguer a minha debil voz, debaixo d'estas venerandas abobadas ¹, do estylo da architectura monumental, e religiosa, aonde outr'ora se elevaram canticos de louvor, e perfumes ao Senhor dos exercitos; e á sombra das quaes viveu no derradeiro quartel da vida, esse grande vulto portuguez, o heroe de Aljubarrota D. Nuno Alvares Pereira! e perante tão illustrada Assembléa, apezar de já de poucas forças dotado; ainda assim levantarei a planta de um resumo historico, que sirva ao menos de estímulo para despertar algum socio d'este nosso gremio architectonico, que com penna mais correcta, e com engenho mais purificado, qual não é o meu, poderá com mais facilidade escrever d'aquelle de quem vou fallar, com fraco estylo e tosca linguagem. Sendo-me permittida a escolha do assumpto, segundo o artigo 18 do regulamento interno da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, preferi a de um architecto civil, d'esta nossa terra, dos bons tempos que foram.

A historia do 16.º seculo, é tão cheia de acontecimentos grandes, já tristes, já gloriosos, que quer suffocar a lastima com o peso da admiração. N'este seculo operou-se uma revolução nas artes, e nas idéas. O ensino organisa-se sob um plano mais vasto. A imprensa reproduz, e multiplica os escriptos dos sabios da antiguidade, e as principaes obras da litteratura classica; e as bellas-artes, desenvolvendo-se admiravelmente, elevam-se a uma altura de que não á exemplo no passado, e que o futuro provavelmente nunca poderá exceder; todavia será sempre notavel, e memorando pelos illustres nomes dos varões famosos em armas, navegações, lettras, e artes que n'elle floresceram. Seculo em que o Papa Leão x, fez renascer as artes em Italia; Francisco i, as levou a affirmosear o seu throno na França; Carlos v, coroou de honras, e de gloria em Hespanha, os que mais se distinguiram em professal-as; e el-rei, o senhor D. Manuel, o *Venturoso*, e seu filho, o senhor D. João iii, as fizeram reviver em Portugal, e subir a architectura á ultima perfeição; e para verdade veja-se o augusto templo de Santa Maria de Belem, que é o ultimo hymno a Deus estampado na pedra pela poesia religiosa. A architectura christã veio alli dar o derradeiro suspiro na sua ultima batalha contra o renascimento que invadia tudo; alli foi a final vencida. A sua fabrica causou sempre a admiração de nacionaes, e de estrangeiros; e o primeiro monumento da nossa envelhecida gloria, que se lhe offerece ao entrarem no Tejo. Foi pois n'este seculo que, no anno de 1518, nasceu na cidade de Lisboa Francisco de Hollanda, filho de Antonio de Hollanda ², pintor de profissão, o primeiro que em Portugal illuminou de branco, e preto sobre pergaminho com toques de oiro moido; irmão de Miguel de Hollanda.

Escudeiro fidalgo e thesoureiro geral da cidade de Gôa; sobrinho de João Homem de Hollanda, que foi o primeiro juiz de fóra em a Villa de Obidos, no anno de 1551 ³. Francisco de Hollanda

¹ De uma das capellas (hoje ruinas) da igreja do convento de Santa Maria do Carmo.

² Que era oriundo de Hollanda, e foi quem illuminou os livros, escriptos em pergaminho, do coro do Real Convento da Ordem Militar de Christo em Thomar. Veja-se Livro 30 de D. João iii, na Torre do Tombo.

³ Veja-se na Torre do Tombo, livro 69 da Chancellaria de D. João iii, a fol. 123.

foi igualmente pintor, como seu pae, o qual teve a prudencia de não se oppôr a que seu filho seguisse a mesma profissão, adoptando n'isto o bom costume dos de Athenas. O philosopho Epictéto diz: « Se quizeres representar n'esta vida alguma figura, que excede a tuas forças, e capacidade, farás duas coisas, que isto que não podes, falo-has mal, e indecentemente; e deixarás o que poderás fazer bem. e com louvor » ⁴. Não teve preceptor de pintura. Depois dos primeiros estudos, entregou-se por gosto á sua natural propensão, e taes progressos fez, que conseguiu a fama de ser o primeiro que em Portugal, desenhou á penna sem perfil; e pela continuação do estudo, e raro engenho se fez perito na arte do risco, e architectura. Na sua mocidade foi moço da camara dos senhores infantes D. Fernando, e D. Affonso, cardeal, filhos d'el-rei o senhor D. Manuel; e depois em 1551 cavalleiro fidalgo. Foi casado com D. Luiza da Cunha de Sequeira, pessoa de boa linhagem, e dotada das mais bellas qualidades. Deste matrimonio não houve descendencia. Estando na cidade de Evora, com a corte, achou Francisco de Hollanda a illuminação por pontos com os quaes, para um breviario d'el-rei, o senhor D. João iii, miniou com pontos de branco, e preto uma Saudação a Nossa Senhora, e a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos no Cenaculo. Observando na referida cidade com que o seu talento sabia dar estimação ao antigo o templo chamado vulgarmente de Diana, edificio romano e o melhor conservado dos Alpes para o Occidente; notou que os romanos eram minuciosos até na edificação dos templos dos seus Deoses, destinando a architectura corinthia para os Deoses, e a jonica ⁵ para as Deosas; e que sendo pois, este templo de architectura corinthia, não a podia julgar dedicado á deusa da casa Diana: O senhor rei D. João iii, conhecendo o seu grande merito o mandou no anno de 1537 a Italia, sempre grande, e sempre escrava. ⁶ Esteve em Roma antiga capital do mundo pagão, e que é hoje do mundo christão, e mãe classica das artes, aonde o Papa Paulo iii em domingo de Paschoa do anno de 1539, na igreja de S. Pedro e S. Paulo (obra gigante e primorosa de Bramante e Miguel Angelo), lhe administrou a communhão, em presença de todos os cardeaes, dos embaixadores de varias cortes estrangeiras, e de alguns senhores romanos. Em Roma, tratou com os homens mais iminentes na pratica das bellas-artes. Ganhou a amizade do famoso Miguel Angelo, e de outros egregios artistas. Estudou a architectura na referida cidade, pelas ruinas antigas, as quaes não só desenhava, e media como architecto, mas tambem copiava como pintor. Depois esteve em outras cidades da Italia, França, e Hespanha, aonde em companhia do senhor infante D. Luiz, pae do sr. D. Antonio, prior do Crato, com quem muito privava, foi em romaria a S. Thiago de Compostella. Das suas viagens, em que despendeu, onze annos, viajando com decencia como pessoa de espirito elevado, e protegida por um rei; regressou á patria no anno de 1548, com grande reputação grangeada por seus talentos nos paizes estrangeiros.

Foi sobre tudo honrado com a amizade do senhor infante D. Luiz, duque de Beja, e condestavel d'este reino, que se recreava muito com a sua conversação instructiva, assim como da cortezania de suas maneiras, que nunca transpunha as raias da sua pura urbanidade. Francisco de Hollanda não era menos habil nos trabalhos relativos á sua profissão de architecto civil, nem estes o impediam de se dedicar ás lettras, por ser versado em varias linguas especialmente na grega, e latina; e foi o primeiro que em Portugal escreveu sobre bellas-artes. Nas horas que lhe restavam do exercicio de suas obrigações, escreveu as obras seguintes, que nunca se deram á estampa, em idioma patrio. A primeira foi um *Tratado da Pintura Antiga*, que começa por uma dedicatória a el-rei o senhor D. João iii, e é dividido em 44 capitulos. A segunda, um dialogo sobre o tirar pelo natural entre elle, e Braz Pereira, cavalleiro muito prendado,

⁴ Veja-se Manual de Epictéto Filosofo, cap. 59.

⁵ O original mais classico que ainda nos resta d'esta ordem, é o templo de Diana em Epheso.

⁶ Como com razão lhe chamou o padre José Agostinho de Macedo, vasto philólogo.

que tinha grande genio para a pintura, e architectura, e que se haviam criado ambos em casa do senhor infante D. Fernando. Este dialogo, foi composto no anno de 1549. O tratado da pintura antiga, começa por um retrato do Papa Paulo III, e outro de Miguel Angelo Buonarrotti, ambos illuminados. N'elle se observam perfeitamente debuxados os melhores fragmentos das antiguidades de Roma as vistas de Veneza, e de Napoles; alguns sepulchros da Via Appia, o amphitheatro de Norbona, e muitos desenhos de mosaicos, de estatuas iconicas, e outros objectos. Quando o furacão humano, conhecido na historia pelos nomes de Godos, Visigodos, Ostrogodos¹, Getas, Avaros, Hunos e Alanos, passou pela Italia, e destruiu as mais Bellas e admiraveis obras da antiguidade. Roma, cujo nome os barbaros proferiam atravessando a nado os grandes rios, que separam o norte da Europa da Italia, foi das primeiras cidades em que as artes soffreram a palma do martyrio. Segue o Dialogo em que são interlocutores Francisco de Hollanda, Buonarrotti, Ambrosio Laetancio (sobrinho do cardeal Senna), Tomoley, Victoria Colonia, Marqueza, viuva de Pescára, D. Julio Clovis de Macedonia, (famoso illuminador), cavalleiro Zapata, e outros professores, e amadores intelligentes das bellas-artes. Escreveu igualmente: *Lowores eternos*, obra que dedicou ao seu Anjo da Guarda, no anno de 1569. Como tambem escreveu: *Amor da aurora: Idades do homem*, adornadas estas duas composições com primorosos illuminados. Além do que fica referido escreveu a obra que intitulou: *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, no anno de 1571, a qual é um pequeno opusculo dirigido a el-rei o senhor D. Sebastião, tem doze capitulos, com 27 desenhos, a saber: da Topographia da cidade de Lisboa; de uma ponte para se fazer no rio do logar de Sacavem; de outra em a Villa de Santarem, no sitio onde chamam a *Ferruja de Torre roxa*; outra na de Abrantes: do prospecto de um palacio, no valle de Xabregas, para el-rei, o senhor D. Sebastião; do retabulo de uma capella, que aconselhava se fizesse no paço, no mesmo logar, onde em 11 de dezembro de 1552, commetteu um bertão, o desacato na presença do senhor rei D. João III. Contem mais desenhos de duas custodias, e de outros varios objectos.

Do seculo XIII, ao fim do seculo XV como exprimiu um escriptor *os architectos não direi illustres, mas sublimes, repartem entre si a Europa, para n'ella semearem suas maravilhas,* como o attesta este vetusto edificio, em que ora nos achamos, fundado no anno de 1389, pelo verdadeiro *Marte Lusitano*, D. Nuno Alvares Pereira, segundo o risco e desenho do architecto *Gonçalo Eanes*². Edificio apesar de destruido, magestoso para o tempo presente, quanto mais para o antigo, que bem olhado por toda a parte, e considerado o pouco que então era Portugal, está testemunhando em seu fundador um espirito verdadeiramente grande. Acatemos pois este monumento precioso que representa uma epoca grandiosa. Francisco de Hollanda, viveu no seculo chamado da *Renascença*, em que a architectura desceu dos templos, dos palacios, e dos castellos, para as casas particulares. Desde essa epoca a architectura ogival, que era a architectura monumental, e religiosa da Europa, perdeu a sua mysteriosa poesia³. Quando el-rei, o senhor D. Sebastião projectava abastecer a capital do reino, das aguas chamadas livres, como certifica Nicolau de Frias, então mestre das obras da cidade de Lisboa⁴. ordenou a Francisco de Hollanda, de fazer o risco e desenho de um chafariz para a praça do Rocio. Constava elle da figura de Lysia sobre uma columna cercada de quatro elefantes, os quaes mais pareciam vivos, que figurados deitando agua pelas trombas.⁵ Francisco de

¹ No anno 500 assentou Theodorico a sua corte em Roma com grande contentamento, e applauso dos romanos: e n'elle teve principio a monarchia dos Ostrogodos em Italia, chamados assim para differença dos Visigodos, que reinavam em Hespanha. Ostrogodos quer dizer Godos Orientaes: Visigodos quer dizer Godos Occidentaes.

² Veja-se Chronica dos Carmelitas etc. Por fr. José Pereira de Sant'Anna.

³ A architectura ogival, é, a reunião e alliança intima do systema gothico com o systema arabe ou mourisco. Uma confraria architectonica, de Franc-maçons, foi a que propagou o estylo ogivico.

⁴ Veja-se Gabinete Historico, tomo X, pag. 192. Por fr. Claudio da Conceição.

⁵ Desenho que se conservava no livreria da casa dos ex.^{mos} Condes de Redondo, aonde o vimos em 1830.

Hollanda recordando-se de que no reinado d'el-rei, o senhor D. Fernando I, sob a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na rua nova dos Ferros, (hoje Algibebes), na freguezia de S. Julião, houverá um chafariz com grande tanque, a que chamavam dos Cavallos, por causa de dois, que alli havia de bronze⁶; quiz no Rocio representar os quatro elefantes, para assim este ser chamado. Com perdão de João Baptista de Castro, que ninguem presa mais que eu tal escriptor, do seculo passado, pelas noticias que nos legou, todavia no seu mappa de Portugal, antigo e moderno no tomo I, diga que Francisco de Hollanda fora quem por mandado d'el-rei, o senhor D. Manuel, fizera o risco e desenho do referido chafariz para a praça do Rocio, no que de certo se equivocou, porque Francisco de Hollanda nasceu em 1581 e só então tinha tres annos de idade quando no anno de 1521 falleceu o senhor rei D. Manuel! Do pincel de Francisco de Hollanda havia alguns quadros; que hoje se não sabe aonde param, talvez os consumisse o terremoto do 4 de novembro de 1755, e o incendio que se lhe seguiu. Só de um ha certeza, por constar de uma doação feita por D. Fernando Alvaro de Castro, a favor de D. Manuel de Castro, seu sobrinho,⁷ que ainda se conserva em poder do ex.^o conde de Penamacor, actual descendente da casa do famoso D. João de Castro, IV visorrei da India, e modelo de probidade. Representa o quadro o Baptismo de Santo Agostinho, e tem 4 palmos de largo, e 2 de alto, com 21 figuras.

É raro que uma vida cuja primeira parte decorreu prospera, se termine sem graves incommodos. A taça das doçuras da vida contém sempre uma porção de veneno, e força é bebe-lo, ou elle sobrenade ou se precipite no fundo, segundo a sua diversa natureza. Francisco de Hollanda, nos ultimos annos viveu retirado no campo entre Lisboa e Cintra,⁸ attenuado pelas vilezas da intriga e desdenhado por falsas cortezanias; esquecido dos homens, esquecido por elles, perto da sua eterna separação, e o tumulo, meditando sobre os verdadeiros bens, e sobre os verdadeiros males, e n'este intervallo, escreveu a obra que intitulou: *De Christo homem*, acompanhada de desenhos; que foi o canto de Cysne. Corria o anno de 1584, quando aos 49 de junho pagou o feudo á natureza, contando 66 annos de idade este insigne architecto civil, illuminador, pintor, e escriptor, cuja perda tão sensivel foi para as boas-artes. Tudo perece pela fraqueza, ou pelo excesso. Porem morrendo os homens não morre a sua memoria. Os serviços, de Francisco de Hollanda foram remunerados pelos senhores rei D. João III, a rainha D. Catharina, D. Sebastião, e D. Filipe I, o qual se não olvidou depois de conceder uma pensão á viuva D. Luiza da Cunha de Sequeira, em 9 de agosto de 1584.⁹ Quando os imperantes, sabem premiar os cidadãos uteis, pode antever-se que as sciencias, e as artes não fallem no paiz. O *Tratado de Pintura Antiga*, já citado o seu original, no anno de 1809 existia, em poder de Diogo de Carvalho e Sampaio, natural da cidade de Lamego, que foi embaixador extraordinario de Portugal na corte de Madrid, em 1798, e hoje se conserva na livreria da Academia de S. Fernando em Madrid. D'este autographo obteve uma copia exacta o monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo¹⁰, cuja existe na Academia Real das Sciencias de Lisboa. E o da *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, que outr'ora pertenceu á ex.^a casa dos condes de Redondo, passou para a livreria de Sua Magestade Fidelissima, no seculo passado, de cujo opusculo ha uma copia exactamente tirada por Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, a qual igualmente se acha na referida Academia Real das Sciencias de Lisboa. Os escriptos de Francisco de Hollanda,

⁶ Veja-se Chronica d'el-rei D. Fernando I, pag. 205, por Duarte Nunes de Leão

⁷ Por alvará de D. Filipe III, de 4 de maio de 1632.

⁸ Como elle proprio o diz na sua *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa* no cap. 8.

⁹ Veja-se na Torre de Tombo, Corp. Chron. parte 1.^a doc. 80. Livro 59. fl. 261. Livro 66, fl. 265, de D. João III. Livro 21, fl. 43, Livro 24, fl. 294. de Sebastião. Livro 5, fl. 56, e Livro 11, fl. 42, de Filipe I.

¹⁰ Quando, como socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi mandado a Hespanha em 1790, por commissão da referida Academia para alli recolher os manuscritos, de que se podesse tirar alguma luz, da Historia Civil e Livreria de Portugal.

pela sua doutrina, e propriedade de locução, merecem ver a luz publica para instrucção, e aproveitamento dos que seguem o estudo das artes. Este resumo em verdade pequeno, despido de todas as bellezas da eloquencia, de todas as riquezas oratorias, e sem o romanesco da epocha para o que merece a memoria de um tão eximio artista, só espera ser relevado pela indulgencia que confio alcançar dos que benignos me ouviram. Disse.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRANSPORTE DE UMAS PEDRAS

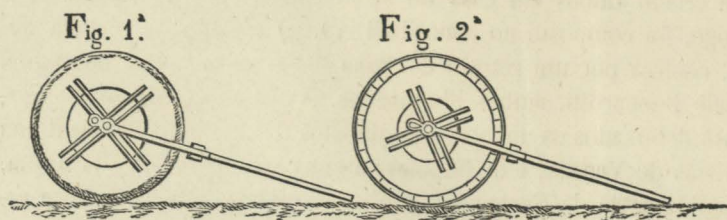
Tendo a commissão encarregada de tratar de erigir o monumento a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro IV, desejado saber se haveria possibilidade de obter pedaços de pedra lioz de sufficiente grandeza para darem inteiriço o terço inferior do fuste da columna do monumento, assim como os terços do resto da mesma columna, e cabendo-nos a incumbencia de proceder ás convenientes indagações, não nos era possivel deixar de reflectir sobre os meios de transporte, o que é sempre objecto muito attendivel quando se trata de pedras de tão grandes dimensões. (1)

A maneira ordinaria de conduzir sobre dois carros unidos, era inadmissivel pela fórma, grandeza e pezo d'aquellas pedras, uma das quaes é seguramente a maior que tem sido transportada nas proximidades de Lisboa. Uma zorra de rodas baixas, suppondo que então a havia de sufficiente força, teria o inconveniente, pela pequenez e pouca grossura das rodas, de se enterrar cortando a calçada, e mais dentro da cidade aonde as ruas estão minadas de canos de diferentes especies. Uma zorra de rodas altas que o governo possue, além de estar desmantelada, só é propria para transportar pedras de menores diametros. A construcção de um carro apropriado era inadmissivel pela despesa a que daria logar. Além de que o uso de todos estes aparelhos quasi que está exclusivamente dependendo do emprego de grande numero de animaes; o que entre outros inconvenientes tem o de não ser simultaneo o esforço d'elles, obrigando por isso a augmentar consideravelmente o seu numero, dando portanto occasião, a que nas mudanças de inclinação das estradas, mui grande parte do gado seja sempre inutil, e quasi sempre prejudicial. Aparelhos semelhantes a outros mui conhecidos que tem sido empregados para grandes transportes occasionariam despesa que não estava em relação com a exiguidade dos nossos recursos.

Occorreu-nos um meio que se nos afigura menos difficil e pouco dispendioso, e de que demos sufficiente idéa a um dos artistas francezes com quem a commissão pertendeu primeiro contratar a construcção de todo o monumento, e que depois mais detalhadamente explicámos ao actual constructor da parte architectonica do mesmo monumento: sem comtudo o pertendermos desviar do uso de outro meio de transporte que lhe pareça melhor, ou que alguma outra consideração o leve a preferir.

Aproveitando a circumstancia de ser a maior das pedras sensivelmente cylindrica, e serem as outras de facil reducção a esta forma, podem todas ser transportadas como as galgas, ou os cylindros compressores das estradas macadamizadas. Para isso póde chumbar-se-lhe uma cruzeta de ferro, dupla em cada topo, e as duas cruzetas de ferro, e o vão interior da pedra serem atravessados por um eixo, cujos extremos arredondados entrem em duas chumaceiras nas extremidades de dois banzos, tambem de ferro, que vão unir-se em um só cabeçalho, como tudo facilmente se vê na figura 1.^a As pedras veem da pedreira apenas desbastadas, e com um pequeno excesso de comprimento para se lhes arredondarem as arestas e ficarem menos quebradiças. Talvez por este meio se dispense um revestimento de madeira, percintado com duas argolas de ferro, ou rastos, poucos centimetros distantes dos topos, como indica a fig. 2.^a, e com o qual se póde dar a forma

(1) A difficuldade de alcançar as pedras, provem da falta de grossura dos bancos, e não de lhes faltar comprimento.



cylindrica aos troços superiores, afim de rolaem melhor, se o augmento de grossura de que para isso carecem de um lado não poder dar-se-lhe da mesma pedra, e serem conduzidas exactamente como o terço inferior.

Deve ser empregado n'esta conducção sómente o gado restrictamente preciso para caminhar em terreno horisontal, e ainda melhor em descida muito suave, e que não será muito por ser grande o diametro das pedras, virem aliviadas, e ficar o cabeçalho em mui boa altura. Nas subidas deve o transporte ser auxiliado por homens usando de bimbarras, e outros meios conhecidos: e se tanto fôr preciso, o que é duvidoso, cravando alguma estaca e usando de aparelhos, tanto para fazer subir as pedras, como para as demorar na descida. Além d'isso, póde haver a precaução de fazer caminhar um grande calço, ou travão, após a pedra nas subidas, e precedendo-a nas descidas.

J. M. FEIJÓ.

BOLETIM

AZYLO DE SANT'ANNA EM PARIS

As desmedidas ambições da presente epocha tem concorrido tanto para o transtorno das faculdades intellectuaes em França, que mr. Lastabot julga que se a alienação mental continuar a augmentar como até aqui, facil será prever a epocha em que a razão e a loucura atinjam proporção eguaes.

Os hospitaes da Bicetre, Charentou Salpetriere e outros, não eram já sufficientes para receber o crescido numero dos alienados quando ha pouco mais de um anno se abriu em Pariz o novo azylo obra de Mr. Haussmann e Cailleaux, considerado como modelo das construcção d'esta ordem, é situado perto da gare do caminho de ferro de Sceoux. O seu aspecto é agradável, os diversos edificios, de que se compõe, estão dispostos em symetria e não ligados entre si por passeios cobertos que atravessam pequeno prados, jardins ou espaços arborizados. Os muros são pouco elevados, o ar circula sem embaraço e o doente pacifico goza alli de uma certa liberdade.

A administração, o pessoal medico e os empregados estão alojados no edificio da frente principal, que occupa tres andares. O azylo propriamente dito é dividido em duas partes eguaes, com a mesma distribuição interna, sendo cada uma d'estas partes destinada a alojar um sexo differente.

Não falta no edificio o estofo, o encerado nem o polimento, onde estes confortos são precisos. A capella collocada no centro do estabelecimento é divida pelo meio da nave em duas partes eguaes, dispostas de forma que os dois sexos podem apenas ver-se. Os alienados furiosos occupam as cellas de um espaço simi-circular, as quaes fazem parte de um resto do circulo, tendo cada uma na parte mais afastada do centro o seu competente pateo As paredes destas cellas são estofadas até á altura de dois metros, bem como os leitos e todas as partes salientes dos moveis.

Este estabelecimento, alm de outros melhoramentos recentemente adoptados para hospitaes d'esta ordem, tem uma salla para concertos, por estar hoje geralmente reconhecido ser a musica um poderoso auxiliar para o tratamento da alienação mental.

B.

Bibliot

SUMMARIO DO N.º 1

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES; Synopse dos trabalhos da associação, lida na primeira sessão da assemblea geral, pelo sr. José da Costa Sequeira. — ADVERTENCIA; prefacio; Idéa geral da architectura, pelo mesmo senhor. — ELOGIO HISTORICO DE JOSÉ DA COSTA E SILVA, architecto portuguez, recitado na associação dos architectos civis portuguezes, na sessão publica e solemne de 22 de janeiro de 1865, pelo abbade A. D. de Castro e Sousa, socio da mesma associação. — ELOGIO HISTORICO DO ARCHITECTO JOÃO FRANCISCO LUDOVICE, recitado na sessão solemne de 22 de maio de 1865, pelo sr. J. Vilhena Barbosa. — BOLETIM DO TRIMESTRE; abril a junho de 1865.

SUMMARIO DO N.º 2

ARCHITECTURA EM PORTUGAL; Elogio historico de João Frederico Ludovici — BIOGRAPHIA; O pintor e gravador a agua forte, Dirk Stoop — ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES; Synopse dos trabalhos, da associação, do segundo trimestre. — SCIENCIA; Ventilação — ARCHITECTURA; Estudos de architectura civil — CONSTRUÇÃO — MAPPA DEMONSTRATIVO, dos differentes materiaes de construção que ha no reino de Portugal; districto do Porto. — BOLETIM DO TRIMESTRE; julho a setembro. — EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS do 1.º e 2.º numero d'este jornal. — BIBLIOGRAPHIA. — IMPORTANTE RESOLUÇÃO tomada pela associação dos architectos, para o desenvolvimento das artes industriaes em Portugal.



VENDE-SE ESTE JORNAL

Em Lisboa

Nas livrarias, do sr. Silva, praça de D. Pedro; e do sr. Ferin, rua Nova do Almada

No Porto

Na livraria de mr. Morel

PREÇO DE CADA NUMERO, COM ESTAMPAS, 25000 RÉIS